

Problematizando o tema da obesidade na escola: uma proposta pedagógica a partir dos Estudos Culturais

Jackson Ronie Sá-Silva¹

Uerlene do Rosário Garcês Ribeiro²

Suzane da Silva Borges³

Edney Harrison Ferreira Leal⁴

Resumo: A obesidade é um tema complexo que gera discussões nos planos biomédico, psicológico, sociocultural e educacional. É tida como um problema de saúde pública em escalas mundial e nacional. O tema tem se destacado nas discussões midiáticas, redes sociais e espaços educativos como a escola. A temática obesidade tem sido discutida por professores e professoras do ensino fundamental? Existe uma preocupação teórico-metodológica em problematizar o tema junto aos alunos e às alunas? Como a temática tem sido abordada na escola? Professores e professoras têm se preocupado em problematizar a obesidade a partir de uma perspectiva crítica? Esta proposta pedagógica procurou situar o tema obesidade no cenário educacional do ensino fundamental propondo sua discussão crítica, interdisciplinar, problematizadora e contextual. Propõe-se ainda apresentar propostas didáticas para que professores e professoras possam discuti-lo nas escolas. Trata-se de uma proposta pedagógica teórica que foi construída a partir dos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Culturais, da pesquisa bibliográfica e da análise documental. Pretende-se com esta proposta pedagógica sensibilizar e estimular professores e professoras do ensino fundamental a discutirem em suas salas de aula temática de relevante abordagem nos cenários mundial, nacional e regional por se entender que a obesidade é um tema sociocultural complexo e multifacetado.

Palavras-chave: Obesidade; Proposta Pedagógica; Ensino Fundamental; Estudos Culturais.

¹ Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professor Adjunto do Departamento de Química e Biologia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: jacksonronie@ig.com.br

² Graduação em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: uerlene@hotmail.com

³ Graduação em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: suzaneborgesinsubs@hotmail.com

⁴ Graduação em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: harrisonleal@hotmail.com

Discussing the obesity's theme in school: a pedagogical proposal from the Cultural Studies

Abstract: Obesity is a complex issue that causes discussions in biomedical, psychological, socio-cultural and educational plans. It is presented as a public health problem in global and national scales. The theme has been highlighted in media discussions, social networking and educational areas such as school. Has the obesity subject been discussed by teachers of elementary school? Is there a theoretical and methodological concern to discuss the topic with the students? How the subject has been explained in school? Have teachers concerned to discuss obesity from a critical perspective? This pedagogical proposal intended to place the obesity's subject in the educational scenario of elementary school offering his criticism, interdisciplinary, problem-based and contextual discussion. It is also proposed to present didactic proposals for teachers can discuss it in schools. This is a theoretical pedagogical proposal which was elaborated from the theoretical and methodological assumptions of Cultural Studies, bibliographic search and documental analysis. This pedagogical proposal aims to raise awareness and stimulate teachers from elementary school to discuss in their thematic classrooms of relevant approach at the global, national and regional scenarios, because it is understood that obesity is a socio-cultural complex and multifaceted theme.

Keywords: Obesity; Pedagogical Proposal; Elementary School; Cultural Studies.

Aproximação com o tema

A obesidade vem ganhando um espaço cada vez maior no que se refere à prevenção e mudanças de hábitos alimentares nos meios de comunicação e nas diversas áreas do conhecimento com o intuito de reduzir os altos índices de obesidade no Brasil e no mundo. Assim, a obesidade é vista apenas como um problema causado pela alimentação inadequada, pelo consumo de alimentos calóricos, pelo sedentarismo, etc., esquecendo-se que existem outros fatores que contribuem para o ganho de peso como, por exemplo, a predisposição genética, o não acesso a uma alimentação saudável e ao consumo de alimentos naturais, etc. E, além disso, a mídia também influencia o consumo de alimentos como refrigerante, doces, etc. E, às vezes, esquecemo-nos de realizar problematizações que façam perceber as estratégias de saber-poder midiático e a produção cultural subjacente.

Neste aspecto, é possível definir a obesidade como “uma síndrome crônica, que decorre de diversas causas, com restritas possibilidades de cura, existindo meios de controle em longo prazo, decorrentes da vontade do paciente, o qual deve ter condições de mudar a estrutura diária de sua alimentação” (FONSECA; SILVA; FÉLIX, 2001, p. 279-280). A partir dessa definição, podemos notar que a preocupação maior reside no

fato de prevenir e tratar apenas as alterações causadas no corpo dos/das alunos/alunas⁵. Será que discutir somente o ganho de peso resolve o problema? As pessoas não precisariam (re)pensar seus conceitos acerca da obesidade? A sociedade não deveria desenvolver um olhar mais crítico com relação ao tema da obesidade?

Portanto, consideramos que a escola exerce um papel importantíssimo para o desenvolvimento de ações preventivas, sobretudo uma preocupação em discutir os aspectos sociais, culturais e psicológicos dos/das alunos/alunas, propondo despertar um olhar mais crítico acerca da obesidade nos diferentes contextos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) mencionam que “o ensino de saúde tem sido um desafio para a educação, no que se refere à possibilidade de garantir uma aprendizagem efetiva e transformadora de atitudes e hábitos de vida” (BRASIL, 1998a, p. 245).

Deste modo, se faz necessário mencionar que existem dois programas nacionais que indicam uma melhoria na qualidade de vida dos estudantes, o primeiro é o Programa Saúde na Escola (PSE), conforme artigo 1º do Decreto nº 6.286, que “tem por finalidade contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde” (BRASIL, 2013, p. 1). E o segundo é o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), conforme artigo 4º, da Lei nº 11. 947/2009, que menciona como finalidade:

Contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo (BRASIL, 2013, p. 1).

Algumas questões nos vêm à mente: a integração e articulação permanente da educação e da saúde são capazes de mudar o modo como às crianças obesas são vistas? Os aspectos subjetivos da obesidade são discutidos ou se estimula a discuti-los? É

⁵ Neste texto usamos o que André Sidnei Musskopf (2008) denomina “linguagem inclusiva”. Segundo ele, “a linguagem corrente assume o masculino como padrão hegemônico perpetuando valores sexistas e discriminatórios” (MUSSKOPF, 2008, p.7). Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2004) argumentam que o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e comunicação supõe o masculino genérico para que as pessoas expressem representações, sentimentos e ideias. Ao analisarem as políticas educacionais colocando em destaque os processos históricos de invisibilização do gênero feminino elas são contundentes ao afirmarem que a ausência da distinção entre os sexos na linguagem subjacente às políticas educacionais pode justificar a permanência de desigualdades nas relações de gênero no debate educacional. Concordo com Musskopf (2008) e Vianna e Unbehaum (2004). Assim, termos que se referirem tanto ao feminino quanto ao masculino serão grafados utilizando-se os seguintes recursos: “/as” ou “/os”, repetindo-se os termos nos dois gêneros ou substituindo-se por termos que expressam ambos os gêneros, mas que sejam precedidos pelo artigo correspondente quando necessário.

possível perceber que não existe uma preocupação em desenvolver uma crítica sobre a discriminação vivida por alunos e alunas qualificados/as como obesos/as.

Os PCN mencionam que o tema obesidade deve ser trabalhado de maneira transversal, evitando a normatização e padronização de condutas que devem ser seguidas, mas será que na prática docente isso é desenvolvido? Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos mostram que educar para a saúde é responsabilidade de muitas outras instâncias, em especial dos próprios serviços de saúde, e que a escola ainda é a instituição que, privilegiadamente, pode se transformar num espaço de educação para a saúde e que o papel mais importante do/a professor/a é o de motivador/a, que introduz os problemas presentes, busca informação e materiais de apoio, problematiza e facilita as discussões por meio da formulação de estratégias para o trabalho escolar. De acordo com o PCN Saúde (BRASIL, 1998b):

Hábitos alimentares precisam ser criticamente debatidos em grupos como forma de avaliar a geração artificial de “necessidades” pela mídia e os efeitos da publicidade no incentivo ao consumo de produtos energéticos, vitaminas e alimentos industrializados. Em especial, é preciso reconhecer a possibilidade de ocorrência simultânea de obesidade — problema de dimensões orgânicas e afetivas — e carências nutricionais, decorrentes principalmente do consumo habitual de alimentos altamente calóricos oferecidos pelo mercado, desprovidos de nutrientes adequados ao consumo humano (p. 277).

A obesidade por ser um tema complexo tem gerado discussões nos âmbitos biomédico, psicológico, sociocultural e educacional. Constitui-se como temática presente nas mídias, redes sociais e em diferentes instituições sociais como a escola. Como esse tema tem sido discutido por professores e professoras do ensino fundamental? Existe uma preocupação por parte dos/as docentes em problematizá-la a partir de diferentes dimensões? Os aspectos socioculturais da obesidade são levados em consideração quando abordada em sala de aula? Portanto, este artigo apresenta uma Proposta Pedagógica cujo objetivo é discutir formas de ensinar e aprender sobre o tema da obesidade em escolas do ensino fundamental, problematizando a referida temática.

Outros objetivos do texto que aqui se apresenta: 1) Problematizar maneiras de abordar o tema da mídia na influência do consumo de alimentos e suas conseqüentes conexões com a obesidade e suas implicações na construção social da ideia de obesidade; 2) Propor metodologias de ensino para que professores e professoras do ensino fundamental possam abordar a temática, a partir de uma perspectiva crítica, transversal, problematizadora e contextual. Pretende-se ainda com esta Proposta Pedagógica estimular professores e professoras do ensino fundamental a discutirem em

suas aulas um tema de relevante abordagem no cenário mundial, nacional e regional, por se entender que a obesidade é um tema complexo e multifacetado.

A crítica às pedagogias culturais⁶ permite outra possibilidade de método educativo, onde a individualidade dos participantes, mediante a sua cultura e as relações de poder que nelas expressam, pode possibilitar a transformação de práticas e reflexões sobre a sua própria vida e uma opinião crítica sobre os assuntos e linhas de pensamentos que o cercam.

Desse modo, compreendemos a complexidade de lidar com o tema obesidade na escola e a necessidade de discutir as demandas culturais da temática em sala de aula. A Proposta Pedagógica presente neste artigo justifica-se porque é uma recomendação do Governo Federal que professoras e professores discutam temáticas de relevância social nas escolas brasileiras. O Ministério da Educação pontua que os/as docentes devem incluir estes temas no currículo escolar, tendo o cuidado de abordar o assunto de forma mais crítica, em uma perspectiva menos estereotipada.

A partir de uma perspectiva cultural, a obesidade deixa de ser entendida como restrita a classificação de patologia, numa relação de médico e paciente, passando a ser compreendida como uma produção cultural a que temos acesso a partir de diferentes fontes.

Entendemos que é importante problematizar os discursos acerca da obesidade que estão sendo apresentados pela mídia e que pouco têm sido problematizado quanto às suas dimensões educativas, pelo poder da mesma que acaba por exercer uma influência na construção de nossas identidades. Da mesma forma, buscamos questionar as práticas escolares atuais, especialmente aquelas relativas à natureza do corpo que, na maioria das vezes, é abordado somente em uma perspectiva biológica e quase nunca tratado sob o ponto de vista social.

Dessa forma, ao privilegiar uma representação de corpo considerado padrão, colocando todas as outras formas e diversidade de seres humanos excluídos, colabora-se para a formação de estereótipos em relação à obesidade. E ainda, trazendo informações distantes da realidade, haja vista, que existem obesos que não são doentes, torna-se

⁶ Definição de pedagogias culturais de acordo com Steinberg (1997, p.101-102): “a educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exercita, tais como as bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc”.

difícil, então, para o/a aluno/a se identificar com as apresentações que lhe são abordadas durante o trabalho escolar. Tal prática torna a escola um espaço onde o preconceito não somente é vinculado, mas também construído e mantido, refletindo valores, preconceitos, e, sobretudo, aos desrespeitos de outras formas de querer viver. Para que a escola seja um lugar onde as características individuais sejam valorizadas, onde seja contemplada a diversidade de corpos e para que trabalhe no sentido da desconstrução de padrões impostos, é necessário que reconsidere o que é tido como conhecimento útil acerca do corpo. Rever esse sistema simbólico talvez seja o primeiro passo para adotar uma postura crítica em relação à abordagem da temática ou materiais pedagógicos utilizados na escola.

O percurso para a construção da Proposta Pedagógica

A Proposta Pedagógica é de cunho teórico e foi construída a partir de pesquisa bibliográfica e análise documental como suporte teórico-metodológico. Através de levantamento bibliográfico foi possível reunir textos que passaram por um processo de leitura profunda e construção de categorias de análise.

De acordo com Cellard (2008), “a análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros” (p. 2). Desse modo, a análise documental produziu conceitos que nos possibilitou compreender melhor as discussões sobre o objeto em questão uma vez que “a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (CAULLEY *apud* LÜDKE e ANDRE, 1986, p. 38). Desse modo, tanto a pesquisa documental quanto a pesquisa bibliográfica serviram de suporte para a teorização e fundamentação da nossa pesquisa sobre a obesidade e sua discussão no contexto educacional. Assim, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico (livros, artigos, dissertações, teses, etc.), categorização e análise dos materiais bibliográficos. Os textos, artigos, dissertações, livros e teses foram agrupados, lidos e categorizados para que se extraíssem conteúdos relevantes para a construção da proposta pedagógica aqui apresentada.

A construção desta proposta apoiou-se nos Estudos Culturais por se acreditar que por ser um tema multifacetado e que gera inúmeras discussões, nos possibilita

abordar de maneira crítica e plural as implicações que a nossa sociedade impõe constantemente sobre a obesidade, pois quanto mais rejeitamos a obesidade e idolatramos a magreza, mais produzimos discriminações relacionadas a ela.

Portanto, ao analisar as informações que nos são dadas através da mídia e dos diversos meios de comunicação, notamos que as pessoas obesas são discriminadas e marginalizadas de maneira cruel por uma sociedade que se diz evoluída; sociedade esta que não cansa de mencionar que ser assim não é normal, que ser assim é ser doente. Sociedade que rotula as pessoas como se estas fossem objetos capazes de serem manipulados, usados e descartados. Sociedade que tenta de todas as formas possíveis inserir na mente das pessoas que algo tem que ser feito para mudar, porque vivemos em uma época em que os padrões de beleza são outros totalmente diferentes e que se você não se adequar a eles é carta fora do baralho, como se o mundo fosse apenas para pessoas magras.

Por esse motivo, os Estudos Culturais se tornam peça chave na discussão deste assunto por se constituir um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas nas diversas áreas do conhecimento, com o intuito de desmistificar/resignificar conceitos principalmente os advindos da cultura. De acordo com Maria Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e Luis Henrique Sommer (2003):

Os Estudos Culturais vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (p. 37).

Assim, percebemos que a cultura era e continua sendo o fator principal para se trabalhar os Estudos Culturais dentro da sociedade, possibilitando a classe discriminada ter um porto seguro, que dentro desta perspectiva encontre formas/alternativas para se defender dos absurdos propostos pela sociedade. Além disso, os Estudos Culturais abordam a importância de se analisar na sociedade os diferentes textos e práticas culturais, para que possamos entender quais os padrões de comportamento e ideias compartilhadas por todos que compõem a sociedade (homens, mulheres e crianças). Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), os Estudos Culturais se fundamentam na discussão sobre a cultura, onde:

Não pode ser concebida como acumulação de saberes, ou processo estético, intelectual ou espiritual. A cultura precisa ser estudada e compreendida

tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social. Um noticiário de televisão, as imagens, gráficos, etc. de um livro didático ou as músicas de um grupo de rock, por exemplo, não são apenas manifestações culturais. Eles são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas (p. 37-38).

Desse modo, o campo dos Estudos Culturais (EC) constitui uma resignificação das questões como cultura, identidade, discurso e representação que passam a ocupar de forma articulada os primeiros planos da área pedagógica. Portanto, é possível afirmar que o processo educativo “se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles, ou seja, somos educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, jornais e principalmente a televisão” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 22). Com relação ao papel do professor Giroux (1995) salienta que:

No que se refere ao papel do professor e da professora, novas formas de conceber a escola, os conhecimentos e o currículo, desafiam-nos a ultrapassar a noção de transmissores de informações. Sobretudo, seríamos produtores culturais e nossas práticas pedagógicas deveriam privilegiar a organização de experiências num mundo extremamente cambiante de representações e valores (p. 101).

Diante de tudo o que foi mencionado, acreditamos que através dos Estudos Culturais é possível discutir de forma problematizadora os conceitos e atribuições que são feitas as pessoas obesas na sociedade atual, principalmente no que diz respeito aos discursos biomédicos, na tentativa de incluir dentro da escola possibilidades de se trabalhar o tema obesidade de maneira crítica.

Teorização sobre a Obesidade e seus atravessamentos no Campo Educacional

Revisando a literatura sobre a obesidade, observamos que os trabalhos publicados revelam a existência de estudos abordando modelos de atendimento em saúde, práticas alimentares, prevenção com intervenções educativas voltadas à educação em nutrição, estímulos à atividade física, etc. Tanto na literatura quanto na mídia, a obesidade sempre se configura como algo imperfeito, algo que não é normal e por isso, precisa ser modificado. A mídia em seus diferentes meios de comunicação induz as pessoas a pensar que ser obeso/a é algo ruim, que não se encaixa aos padrões adotados pela sociedade e que para ser aceito o indivíduo precisa seguir às regras impostas por elas. Além disso, a obesidade é vista sempre pela ótica biomédica que atribui aos obesos (e às obesas) a representação de um ser doente que precisa de tratamento, e a partir

disso a sociedade passa a ver o/a obeso/a como um ser “estranho”, “diferente” que precisa se adequar aos padrões estabelecidos pela sociedade.

Neste aspecto, observamos também que nas diversas áreas do conhecimento, principalmente nas licenciaturas, a ordem é prevenir e tratar a obesidade, ou seja, é inserido no contexto escolar mudanças nos hábitos de vida dos/as alunos/as, principalmente no que diz respeito a sua alimentação, com alterações no cardápio da merenda escolar, além da adaptação de atividades desportivas que favoreçam a perda de peso. Assim, a alimentação é vista muitas vezes pelo aspecto biológico. Segundo Micheline Barbosa da Motta e Francimar Martins Teixeira (2012):

A alimentação é considerada meramente sob os aspectos biológicos, o valor nutritivo dos alimentos, com indicação do que e do quanto deve ser ingerido. Assim, restringe-se a compreensão sobre alimentação apenas como necessária para a manutenção da saúde, considerando-se os hábitos alimentares uma questão individual, independente dos aspectos culturais, econômicos e ambientais (p. 2).

No decorrer da pesquisa bibliográfica e análise documental, verificamos que os trabalhos que enfocam a temática obesidade no campo educacional incorporam, sobretudo, em seu currículo estratégias de intervenção e consolidação de hábitos alimentares saudáveis. Com isso, é possível dizer que a obesidade ainda está sendo vista somente pelo aspecto biológico. E ainda, segundo Elza Daniel de Mello, Vivian Cristine Luft e Flavia Meyer (2004):

A escola é um local importante onde esse trabalho de prevenção pode ser realizado, pois as crianças fazem pelo menos uma refeição nas escolas, possibilitando um trabalho de educação nutricional, além de também proporcionar aumento da atividade física. A merenda escolar deve atender às necessidades nutricionais das crianças em quantidade e qualidade e ser um agente formador de hábitos saudáveis (p. 180).

Sobre a Educação Física Rafael André Araújo, Ahécio Araújo Brito e Francisco Martins Silva (2010) comentam que:

No ambiente escolar, a aula de Educação Física é um dos momentos mais oportunos para enfatizar a relação existente entre a prática da atividade física e a alimentação com a saúde. Nesse sentido, a educação física escolar, apesar de sofrer influências de tendências que estão tornando as aulas menos práticas, deveria assumir o papel de cuidar da saúde dos alunos, uma vez que, podemos considerar como uma prerrogativa da disciplina o desenvolvimento de habilidades e capacidades físicas e a conscientização sobre hábitos alimentares saudáveis e a importância da prática regular de atividades físicas por toda a vida. Isto tudo, torna a Educação Física a disciplina mais completa do ambiente escolar, para prevenir e controlar a obesidade em crianças e adolescentes (p. 6).

Podemos dizer, entretanto, que não existe uma preocupação da escola e dos/as professores/as em trabalhar esse tema de maneira crítica e plural. Alves e Cortinovi

(1997) comentam que a “sala de aula saudável é aquela onde existe liberdade de expressão e opiniões, respeito aos sentimentos e emoções, espaço para a alegria, o lazer, a fantasia, a criatividade e a autonomia, respeito às diferenças e às vivências de cada um” (p. 56). A ação educativa deve, portanto, proporcionar uma reflexão crítica desse conhecimento. Por isso, a “educação tem que recuperar uma de suas razões de ser: a de ser um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir e analisar criticamente o legado cultural da sociedade” (SANTOMÉ, 2011, p. 176).

A questão do preconceito deve ser observada dentro e fora da sala de aula, os/as professores/as precisam estar atentos ao discurso/gestos utilizados pelos alunos e alunas para que, a partir daí, seja incluído em suas metodologias as problematizações e o discurso crítico e plural a fim de reduzir as discriminações e os preconceitos vividos pelos obesos e obesas. Dessa maneira, a convivência de crianças e adolescentes obesos/as na escola, e principalmente na sala de aula fica, em geral, marcada pelo fenômeno do *bullying*⁷, do qual tendem a serem vítimas (ABRÁPIA, 2005). Por esse motivo, os professores e professoras precisam estar preparados diante desta situação e tomar medidas cabíveis que proporcionem a problematização deste e outros assuntos no contexto escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com os temas transversais, permitem a abordagem de assuntos polêmicos e de extrema importância em sala de aula, auxiliando desta forma, à escola em cumprir o seu papel na formação dos alunos/as. Proporcionando desta forma, que professores e professoras abordem em salas de aula as questões alimentares, não só pelo viés biológico, mas desenvolvendo práticas pedagógicas em que a alimentação é compreendida sob a perspectiva multidisciplinar. É necessário incentivo para que sejam introduzidas no currículo metodologias que, além de propor uma alimentação saudável no cardápio desses/as alunos/as, sugira também formas de se trabalhar o tema obesidade num contexto social e cultural.

Uma Proposta Pedagógica para a discussão do tema “Obesidade” na escola

Levados por esse pressuposto de desconstrução de pensamentos tornados padronizados o/a educador/a pode problematizar o tema da obesidade desmistificando

⁷ Anglicismo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

conceitos inventados pela sociedade, os quais desqualificam o sujeito construído como obeso. Podem abordar o assunto obesidade em suas aulas de uma forma interdisciplinar, caso julgue necessário, em situações como, por exemplo: ocorrência de *bullying*; exclusão em atividades de grupo devido a sua aparência física; esses são momentos importantes para abordar, questionar e debater o assunto obesidade.

Faz-se necessário estimular educadores/as e educandos/as a refletirem sobre as formas de promover a educação em saúde, que habitualmente aborda o corpo humano como fenômeno puramente biológico, um conjunto de sistemas e órgãos do qual se estudam características e funcionamentos, sem considerar aspectos socioculturais.

Por entendermos que o respeito à diversidade deve permear a prática pedagógica é produtivo problematizar esses temas sensibilizando os/as alunos/as para a importância dessa discussão. Assim, os/as docentes devem realizar a construção de aulas dinâmicas que pelo seu próprio desenvolvimento possibilita uma participação efetiva, articulada e persuasiva com materiais didáticos para despertar o interesse e atenção dos/as alunos/as do Ensino Fundamental. Pois, o espaço da escola é especialmente para aprendizagens, uma vez que se constitui um ambiente de aquisição de informação sobre si, sobre o mundo, sobre a convivência social e sobre as relações sociais. Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade, que marca nelas crenças, valores e sentimentos. O/A professor/a vem a ser o/a mediador/a de tais conhecimentos, o/a formador/a de opiniões e desmistificador/a de paradigmas se assim se dispuser de tamanho papel na sociedade.

A sala de aula é um espaço físico, constituído por vários sujeitos, cujo desenrolar das atividades é coordenado pelo professor e pela professora. Esse espaço está circunscrito por outro, a escola, que por sua vez está inserida em um todo maior a sociedade. Como afirma Marcellino (1990):

É preciso abandonar os discursos vazios, desvinculados da prática, cujo objetivo oculto é empobrecer o já pobre conteúdo vivenciado na Escola. E é nessa perspectiva que o educador deverá optar por considerar a sala de aula, ou a Escola, como o local de cumprimento de tarefas, ou como espaço privilegiado de diálogo, de vivência e convivência (p.125).

Assim, frente aos discursos hegemônicos presentes nas escolas e em outras instituições sociais sobre obesidade e suas características biomédicas, consideramos necessário propiciar espaço-tempo para refletir a obesidade numa característica social, histórica e cultural com os/as alunos/as e, além disso, oportunizar aos profissionais da

educação essa temática de forma que esses possam compreender criticamente os diversos discursos e práticas sobre a referida temática e sua apresentação social.

Portanto, a escola ainda é o local mais propício para promover a transformação, mas não se atrelando somente a ministração dos conteúdos, sobretudo os de Ciências/Biologia. É através da problematização que construímos diálogos, e reconstruímos significados. Vejamos o que nos diz Jurjo Torres Santomé (2011):

A ação educativa pretende, portanto, além de desenvolver capacidades para a tomada de decisões, propiciar aos alunos e às alunas e ao próprio professorado uma reconstrução reflexiva e crítica da realidade, tomando como ponto de partida as teorias, conceitos, procedimentos e costumes que existem nessa comunidade e aos quais se deve facilitar o acesso (p. 160).

Assim, através da ação educativa é possível que os professores e as professoras tenham a oportunidade de refletir sobre a realidade de nossa sociedade e, a partir daí, possibilitar aos seus alunos/as a chance de ver com outros olhos essa realidade muitas vezes triste. Desse modo, são através das práticas educacionais que podemos mostrar para nossos/as alunos/as as diversas maneiras de nos relacionar com o outro e com o mundo, que aquele tido como “diferente” também faz parte do mundo e sobretudo é importante na sociedade. Jurjo Torres Santomé (2011) comenta ainda que:

As instituições escolares são lugares de luta, e a pedagogia pode e tem que ser uma forma de luta político-cultural. As escolas como instituições de socialização têm como missão expandir as capacidades humanas, favorecer análises e processos de reflexão em comum da realidade, desenvolver nas alunas e alunos os procedimentos e destrezas imprescindíveis para sua atuação responsável, crítica, democrática e solidária na sociedade. É preciso que todo professorado participe da criação de modelos de educação alternativos. Uma das maneiras de começar pode ser através da construção de materiais curriculares capazes de contribuir para um questionamento das injustiças atuais e das relações sociais de desigualdade e submissão (como exemplo, sexismo, racismo, classismo, etc.) (p. 175-176).

São estes modelos de educação alternativos que estamos propondo através desta Proposta Pedagógica sobre a temática obesidade, pois acreditamos que através da problematização/questionamentos é possível transformar o modo como a obesidade é vista pela sociedade e, conseqüentemente, permitir que o obeso e a obesa se sintam parte da sociedade. O fazer pedagógico deve estimular a auto-reflexão sobre a obesidade, e acreditamos que este processo de auto-reflexão não seja possível se o professor e a professora não possuírem uma formação ou conhecimento sobre as questões de diversidade. Neste aspecto, é papel do/a educador/a reconhecer as diferenças dentro da sala de aula e não transformá-las em desvantagens, mas reconhecer que a realidade histórica é social e culturalmente construída.

É necessário que crianças e jovens reflitam sobre estereótipos, os papéis sociais atribuídos para cada indivíduo na escola, na sala de aula, que deve ser o local de aprendizagem em que regras do espaço público possam promover atitudes de compreensão, respeito, tolerância, de maneira que se possam diminuir atitudes preconceituosas, discriminatórias em relação a qualquer tipo de diferença seja ela social, cognitiva, física ou comportamental, de forma que estas não sejam entendidas como justificativas para um tratamento desigual e indiferente.

Assim, professores e professoras possuem uma parcela de contribuição na construção dos futuros cidadãos/cidadãs, e por isso é fundamental que estes estejam preparados para trabalhar tais temas, na perspectiva de reduzir as atitudes preconceituosas presentes no cotidiano escolar e transmitidas por meio de gestos e palavras.

A abordagem do tema obesidade e diferenças culturais na escola pode proporcionar a (des)construção e (re)construção de regras e normas necessárias para a convivência entre os diferentes, sem preconceitos e sem estereótipos de discriminação. Os/as educadores/as também precisam voltar o olhar para si, questionar se suas metodologias são adequadas e se favorecem o discurso crítico, plural, inclusivo, problematizador; observar se suas ações, gestos, falas, dramatizam e consolidam estereótipos na escola, na sala de aula. É preciso tomar cuidado com o que se diz, por exemplo, dizer que “nem todos são perfeitos”, nos dá a ideia de que ser “gordo” ou “gorda” é algo imperfeito, tornando claro a ideia que há um modelo padrão de corpo (magra, alta, etc.).

Nesse sentido, apresentamos algumas sugestões de metodologias para que os professores e professoras possam usá-los em suas aulas. Para os/as alunos/as do ensino fundamental – séries iniciais, o conteúdo/abordagem da obesidade pode ser realizado com aulas lúdicas: introduzir materiais didáticos que estimulem a atenção com cores atrativas, vibrantes; músicas ensinando o/a aluno/a a respeitar o outro, as diferenças, revelando a importância das características individuais, por exemplo.

Para os/as alunos/as do ensino fundamental – séries finais, levar para as aulas debates sobre a abordagem que é feita da obesidade, de como o tema é tratado mediante as redes sociais, revistas, jornais e televisão. As metodologias de atividades em grupo

também são importantes porque estimulam processos de formação que priorizem experiências que abordem valores, sentimentos e narrativas de vida.

A Proposta Pedagógica aqui apresentada foi idealizada para dar visibilidade à temática da obesidade numa visão sócio/histórico/cultural ainda pouco discutida dentro de sala de aula, até mesmo fora dela, evidenciando suas interfaces históricas e culturais. Buscamos, sobretudo, evidenciar o quanto essas aulas diferenciais constituem como espaços que educam corpos e subjetivamente produzindo situações concretas nas quais alguns sujeitos e grupos sociais são incluídos e outros excluídos. Para isso:

Uma instituição escolar que trabalha nessa direção precisa colocar em ação projetos curriculares nos quais o alunado seja obrigado, entre outras coisas, a tomar decisões, solicitar a colaboração de seus companheiros/as, a debater e criticar sem medo de ser sancionado negativamente por opinar e defender posturas contrárias às do/a docente de plantão (SILVA, 1995, p.159).

Sabe-se que as instituições educacionais são um dos lugares mais importantes de legitimação dos conhecimentos, procedimentos e ideias de uma sociedade ou, ao menos, das classes e dos grupos sociais que possuem parcelas decisivas de poder. Um desses meios é o de abordar sobre os efeitos midiáticos em nossa sociedade atual. Efeitos esses voltados para o seu interesse que tão pouco é de uma sociedade igualitária e cidadã. Questionar o que a mídia impõe também é papel das instituições educacionais. Assim, a escola juntamente com seus docentes precisam rever seus planejamentos e volta-los para questões relacionadas à cidadania e ao respeito à pessoa quer ela seja obesa ou não.

Dessa forma, o professor e a professora, precisam explorar o seu potencial como docente, não podem se conformar em ser apenas um/a reproduzidor/a de informações (de livros), mas usar tais informações como ferramentas no processo de ensino e aprendizado, ou seja, cabe ao/a professor/a o papel de ampliar o conhecimento, mas sempre partindo do que cada criança já sabe, com base em suas experiências prévias dentro e fora da escola. A partir destas práticas lúdicas, a criança aprende e ao mesmo tempo se diverte com o juntar, combinar, modificar, transformar e criar novos objetos. Além disso, também faz parte desta atividade lúdica, aquelas que nos permitem mexer física e mentalmente, os jogos e os brinquedos também são ferramentas indispensáveis ao/a professor/a, pois além de fazer parte da infância são promotoras do desenvolvimento e da aprendizagem.

Nesta perspectiva, podemos observar que os/as educadores/as, de modo geral, e também em nossas experiências de estágio, sentem (e sentimos) dificuldade para mediar

muitos conhecimentos, que poderiam ser mais facilmente transmitidos, se o professor e a professora usassem atividades lúdicas para este fim. A ludicidade pode proporcionar muitos benefícios para as crianças, pois oferta às mesmas um ambiente agradável e interessante, possibilitando desta forma, o aprendizado de várias habilidades úteis a sua vida social e afetiva que deve ser encarada pelos/pelas docentes como uma ferramenta didática a mais, como forma de tornar a aprendizagem mais prazerosa e eficaz.

Assim, os jogos e as brincadeiras possibilitam que o aluno e a aluna explorem sua criatividade além de melhorar sua conduta no processo ensino-aprendizagem e sua autoestima, mas cabe ao/a educador/a o cuidado de saber como incluir esses jogos e brincadeiras em suas metodologias de ensino para que elas não se transformem apenas em brincadeiras sem sentido didático.

De acordo com Lisandra Olinda Roberto Neves (2007), quanto às atividades lúdicas devemos considerar que elas não abarcariam toda a complexidade que envolve o processo educativo, mas podem, e muito auxiliar na busca de melhores resultados por parte dos/das educadores/as interessados/as em promover mudanças. Estas atividades servem como mediadores de avanços e contribuem para tornar a sala de aula um ambiente alegre e favorável.

Para o ensino fundamental – séries finais, sugerimos ainda, que os professores e professoras trabalhem com videoaulas, textos, imagens, que mostrem propagandas (TV, revistas, etc.), como a obesidade é vista na sociedade e através desses recursos abrir uma discussão que possibilite principalmente ao/a aluno/a obeso/a ou não, compreender o poder e a influência que a mídia tem sobre as pessoas, e a partir daí despertar o senso crítico desses/as alunos/as e torná-los indivíduos mais críticos e menos preconceituosos.

Desenvolver também atividades de inclusão, que possam misturar e diversificar os grupos, evitando que se formem os grupinhos que favorecem a exclusão de alguns e possibilitam formas de preconceitos e discriminações de outros. Os/As docentes também podem fazer uso de reportagens, vídeos que falam das consequências sofridas pelos bullies nas mais diversas situações e em seguida perguntar a opinião ou o que sentiram ao visualizar/ler sobre a reportagem. É importante também fazer reflexões sobre a diversidade humana inclusive no quesito obesidade. Proporcionar aos alunos e as alunas através das dinâmicas de grupo que as mesmas possam admitir suas diferenças (em geral disfarçados) e confrontá-los com suas dificuldades para então conceituar, por

exemplo, diversidade, desigualdade, preconceito, etc. e, sobretudo mostrar que todos/as independente de raça, religião ou opção sexual, sendo magro/a, obeso/a, todos temos qualidades e adversidades e também que todos/as precisamos, acima de tudo, respeitar as diferenças de cada um.

Assim, “uma das funções sociais da escola, neste sentido, é a reflexão e a (re)significação das lentes que focam os olhares sobre os diferentes e as diferenças” (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBBA, 2012, p. 18). Outra possibilidade didático-metodológica seria projetar e debater filmes específicos sobre preconceito e discriminação instigando os alunos e as alunas a descreverem situações vividas por eles/elas ou observadas, para que se possa discuti-los em sala de aula, solicitar que pesquisem imagens e reportagens exibidas na mídia em relação ao tema e propor um exercício de análise dos textos e imagens encontrados, afim de que possamos analisar, sobretudo, o modo como essas informações são apresentadas e, a partir daí, problematizá-los junto aos/as alunos/as, observando o que cada um pensa sobre o assunto.

Os/As docentes poderiam também, exibir vídeos que confrontassem ideias e observar a posição dos/as alunos/as diante do que foi exibido. Desta forma, é interessante propor aulas que possibilitem refletir sobre as seguintes questões: “O que é o corpo?”; “O que é a dimensão biológica do corpo?”; “O que é a dimensão cultural do corpo?”; “Como se constrói essas dimensões do corpo na sociedade?”; etc. E a partir daí, desenvolver discussões sobre a influência da cultura nas intervenções aplicadas no corpo, ou seja, dietas, cirurgias estéticas, vestimentas, etc. E assim, propor que os mesmos expressem através da escrita o que a aula modificou em relação a sua compreensão sobre a obesidade. Propor atividades sobre o corpo, em que os alunos e alunas analisem seus corpos e a partir daí questioná-los/as se gostariam de modificar alguma coisa e o porquê, isto possibilita ao/à educador/a mostrar o quanto a mídia influência e padroniza as pessoas.

Considerações Finais

Neste artigo buscamos problematizar o tema obesidade e como ele pode ser apresentado na escola e na sala de aula a partir da perspectiva dos Estudos Culturais em educação.

Procuramos demonstrar que os temas relacionados à obesidade, como por exemplo, corpo e alimentação devam ser problematizados, com o intuito de criarmos condições para que professores e professoras pensem outras práticas escolares que incluam a diversidade e que sejam capazes de dar voz aos alunos e alunas, possibilitando um olhar crítico, plural e inclusivo sobre os efeitos das práticas sociais no modo de pensar das pessoas, desses alunos e alunas e também dos próprios educadores/as.

Proceder a um trabalho cuidadoso de transformação de mentalidades e a um questionamento sobre estereótipos e preconceitos, tendo como tema central a obesidade no ambiente escolar e de sala de aula, é necessário que professores e professoras se permitam a compreender as questões sociais e contemporâneas.

Como Proposta Pedagógica para a discussão do tema obesidade na escola, sugerimos algumas metodologias e a utilização de alguns recursos didáticos, os quais achamos produtivos para a problematização dessa temática. Mas, entendemos que os/as docentes devem exercer sua criatividade e perceber que não devem ser padronizadas formas de ensinar e aprender. É importante que cada docente reconheça tal necessidade e, no caso do tema obesidade, relativizar. Cair nas malhas do biologismo é algo que não deve acontecer.

Nesse sentido, acreditamos que proporcionar essa visão mais crítica e problematizadora sobre a temática obesidade, possibilita criarmos uma geração menos preconceituosa, uma geração que observa, que analisa as entrelinhas das informações, que consegue ir além daquilo que é imposto pela sociedade, que não acredita/aceita tudo o que vê/lê, etc., isto só será possível se os educadores/as também perceberem a importância de trabalhar tais temas de maneira questionadora/problematizadora.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gehysa Guimarães; CORTINOVI, Tânia Marilda. A sala de aula como espaço potencializador do ser saudável. In: MEYER, Dagmar Estermann (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

ARAÚJO, Rafael André; BRITO, Ahécio Araújo; SILVA, Francisco Martins. O papel da Educação Física Escolar diante da epidemia da Obesidade em crianças e adolescentes. **Educação Física em Revista**. Brasília. v. 4, nº 2, mai/jun/jul/ago, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). Disponível em: <www.abrapia.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 436 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Programa Alimentação Escolar.** 1998b. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/alimentacaoescolar/alimentacao-escolar-apresentacao>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola.** 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=14578:programa-saude-nas-escolas&Itemid=817>. Acesso em: 05 ago. 2014.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 295-316.

COSTA, Maria Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais em educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ jul./ ago. 2003.

FONSECA, João Gabriel Marques; SILVA, Mauro Kleber de Sousa e; FÉLIX, Débora Simões. Obesidade – uma visão geral. In: FONSECA, João Gabriel Marques (ed.). **Clínica Médica:** Obesidade e Outros Distúrbios Alimentares. Rio de Janeiro: Medsi Editora Médica e Científica Ltda. 2001. v. 2, p. 257-277.

GIROUX, Henry Armand. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. 8. ed. São Paulo: Editora Papiros, 1990.

MATOS, Keyte dos Santos; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. O Corpo Obeso: Um corpo deficiente? Considerações a partir da Mídia. In: Semana de Educação Física: Educação Física, Ciência e Compromisso Social,9, São Cristovão, 2012. **Anais da IX Semana de Educação Física: Educação Física, Ciência e Compromisso Social**. São Cristovão, 2012.

MELLO, Elza Daniel de; LUFT, Vivian Cristine; MEYER, Flavia. Obesidade Infantil: como podemos ser eficazes? **Jornal de Pediatria**. v. 80, n. 3, Rio de Janeiro, 2004, p. 173-182.

MOTTA, Micheline Barbosa; TEIXEIRA, Francimar Martins. Educação Alimentar na escola por uma abordagem integradora nas aulas de ciências. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 2, p. 359-379, jul/dez. 2012.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil**. 2008. 524f. Tese (Doutorado em Teologia)- Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo: EST, 2008.

NEVES, Lisandra Olinda Roberto. **O Lúdico nas interfaces das relações educativas**. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/ludicoint.htm>>. Acesso em: 04 de dez. 2014.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Org.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997. p. 98-145.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas: Autores Associados, São Paulo, v.34, n.121, 2004.